

Editorial

Tempo para pensar e para aprender a ler o mundo

<https://doi.org/10.61248/palavras.vi64.193>

Com um grafismo renovado, este número da revista reúne **textos selecionados do XVI Encontro Nacional da Associação de Professores de Português**, que decorreu na Universidade de Aveiro, entre 3 e 5 de julho de 2025. Intitulado “**Oralidade e Literatura no ensino do Português**”, o encontro alimentou a reflexão em torno da seguinte questão: *O que podemos fazer na escola e na sala de aula para que os nossos alunos aprendam a falar e a ouvir premeditadamente, a ler melhor e a saber apreciar a leitura e a amar os livros, e, se possível, ir mais longe, dando-lhes ferramentas para que aprendam a ler o mundo?*

Assumindo "esse carácter simultaneamente abrangente e unificador da Didática que a torna difícil e desafiadora, mas também aberta, inacabada e suscetível de se renovar" de que nos fala **Emília Amor** (que dá vida à capa), ao longo de três dias, assistiu-se, nas conferências, mesas redondas, oficinas e comunicações, a reflexões, interpelações e provocações que cruzaram Literatura e Cânone, autores e leitores, Oralidade e Gramática. Numa perspetiva de partilha de boas práticas, foram também divulgadas estratégias ativas e tecnologias educativas aplicadas à promoção da leitura de textos literários e da oralidade.

Refletindo a própria natureza do encontro, o número 64 da revista *Palavras* surge estruturado em três secções: Literatura – Cânone e autores, Didática da Literatura e Didática da Oralidade.

A secção **Literatura – Cânone e autores** integra quatro textos. No primeiro, "Cânone e ensino", Annabela Rita analisa a relação histórica entre cânone literário e ensino, defendendo que o cânone participa na construção da identidade nacional através da memória, das artes e da literatura e propondo abordagens pedagógicas que articulam património, interdisciplinaridade e leitura crítica. Ana Paula Arnaut, em "José Saramago e António Vieira: dois tempos, dois homens, um estilo", analisa a forte intertextualidade entre a obra de José Saramago e a oratória do Padre António Vieira, destacando, como eixos comuns, a alegoria, a interpelação ética do leitor e a promoção da consciência crítica. No artigo "Do silêncio dos livros à voz dos leitores: o lugar da literatura na escola", Maria José Gamboa reflete sobre a educação literária como um ato político e emancipatório, sugerindo itinerários didáticos multimodais e comunidades de leitura que transformem o objeto silencioso na voz crítica, empática e cosmopolita do aluno. Por fim, Elvira Tristão, em "Leitura ativa e intemporalidade do cânone", defende a centralidade dos clássicos na formação

humanista, propondo metodologias ativas que equilibrem o esforço cognitivo e o prazer estético e destacando a escola como um pilar essencial na criação de hábitos de leitura.

A segunda secção é constituída por um conjunto de artigos situados na **Didática da Literatura** (em articulação com outras áreas). A partir da necessidade de se compreender por que razão os jovens leem cada vez menos e revelam, cada vez mais, uma reduzida capacidade de compreender, de amar e de procurar a leitura como fruição ao longo da escolaridade, nos respetivos artigos, Carla Nave, Maria do Carmo Oliveira e Regina Silva apresentam propostas baseadas na multimodalidade, capitalizando a ilustração, os videojogos e a Inteligência Artificial ao serviço da reação pessoal ao texto literário (em PLM e PLE). Ana Patrícia Rodrigues e Sónia Mendes, nos seus artigos, analisam exemplos de narrativas breves e microrrelatos produzidos por alunos, ilustrando as potencialidades da intertextualidade e da apropriação de géneros literários.

Também nesta secção são apresentados percursos que permitem descobrir as "três Marias" (Conceição Pereira e Ruth Navas), algumas autoras invisibilizadas do século XX (Paula Lopes), a redescoberta da epopeia camonianiana através da dramaturgia (Carlos Alves) e as potencialidades de "As perguntas da menina do Ó", um espetáculo teatral interativo e irrequieto (Adriana Campos). Como alternativa aos modelos de exploração mais tradicionais, Sabrina Guerreiro, Teresa Sequeira e Carla Gonçalves exemplificam a aplicação do modelo de rotação por estações, em que os alunos desenvolvem tarefas distintas, em trabalho colaborativo e autónomo, no âmbito da leitura do texto dramático *Os Piratas* (Manuel António Pina). Numa outra linha, Ana Barbosa, Paula Ferreira e Noémia Jorge ilustram a articulação entre o texto literário e a mobilização de conhecimento sobre a língua, mostrando como a morfologia se pode tornar uma ferramenta ao serviço da compreensão de textos literários.

Intitulada **Didática da Oralidade**, a terceira secção integra reflexões, investigações e propostas focadas no ensino e na aprendizagem da compreensão e expressão oral. Em "Oralidade, géneros orais e literatura" Luzia Bueno, Ermelinda Maria Barricelli e Juliana Zani apresentam os resultados de duas ações no âmbito da formação de professores no contexto do ensino brasileiro, concluindo que é possível articular a oralidade, os géneros orais e a literatura na formação de professores. Cristina Sá, no artigo "Da oralidade num percurso de investigação e formação de professores e educadores", relata o seu percurso de investigadora e formadora na área da Educação, cruzando a didática da oralidade com uma abordagem transversal do ensino e aprendizagem da língua materna, com vista a uma cidadania global. Esta secção integra ainda um artigo focado na descrição de um género multimodal, a videorresenha, da autoria de Rafaela Bassetto e Letícia Storto, bem como estudos centrados na articulação entre oralidade e outros domínios. Ana Estrócio reflete sobre a ironia no texto literário de tradição oral como ferramenta pedagógica para o exercício de uma cidadania humanista; Lara Pinheiro e Raquel Fernandes analisam exemplos de competência comunicativa na obra *O Príncipezinho*; Miguel Correia propõe a articulação entre dêixis e ensino da oralidade. Com enfoque nas estratégias ativas de abordagem da oralidade, Carla Araújo analisa o papel das tecnologias digitais no desenvolvimento da oralidade no 2.º Ciclo do Ensino Básico, propondo práticas pedagógicas dialógicas que tornam o ensino mais interativo, crítico e centrado

nos alunos. Por fim, Maria José Costa, Cláudia Machado e Célia Ferreira defendem a oralidade como eixo central do ensino de PLNМ em contextos multiculturais, destacando a necessidade de formação docente e práticas interculturais que valorizem diversidade linguística para promover inclusão e integração.

A presente edição conta ainda com uma **entrevista a Miguel Real**. Escritor, ensaísta, professor de filosofia e coordenador da *História Global da Literatura* (em conjunto com Annabela Rita, entre outros), Miguel Real reflete sobre a identidade portuguesa, o sebastianismo como esperança coletiva, o papel do teatro e da cultura e a centralidade da escola na formação dos jovens, defendendo o pensamento crítico, a importância dos clássicos e uma educação inspirada nas melhores práticas europeias.

A fechar o número, apresenta-se o trabalho vencedor do **Prémio Emília Amor de investigação em Didática do Português** (edição de 2024-2025). Em "A gramática em ação: os jogos dos clíticos", Cândida Barbosa e Miguel Correia propõem um conjunto de três atividades lúdicas para o ensino-aprendizagem de conteúdos gramaticais focadas nos clíticos, evidenciando as potencialidades dos jogos no processo de ensino-aprendizagem da gramática.

Na 16.^a edição do ENAPP discutiram-se questões resilientes e difíceis no quadro do ensino-aprendizagem dos domínios da literatura e da oralidade das quais resultou o conjunto de artigos aqui propostos que propõem respostas, visões particulares e problematizações em torno de questões nucleares como a definição do cânone escolar, a redução dos índices de leitura em jovens, processos de leitura, o ensino do português como língua segunda ou estrangeira, a presença da oralidade na sala de aula e como área de formação de professores. As questões estão colocadas, os caminhos a seguir ficam abertos. Este é agora o tempo de pensar para, de seguida, agir.

Carla Marques
Noémia Jorge
João Pedro Aido
Vitória de Sousa